



O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração

— RUA DE S. PAULO, 216-2.º —
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos

EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro

Propriedade do S. N. E. A. E. M. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA... MAIS VALE PREVENIR... BARRA FORA...

Mais um contrato

Com grande solenidade, foi assinado um contrato de trabalho entre o Sindicato Nacional dos Officiais e Comissários da Marinha Mercante e o Grémio dos Armadores de Pesca do Bacalhau, relativo a acção dos capitães e pilotos dos lugres que se destinam à pesca do bacalhau.

O acto foi presidido pelo Sr. Doutor Fernando Homem Cristo da I. N. T. e secretariado pelo Sr. Comandante Tenreiro, e presenciado por grande número de pessoas, pronunciando-se discursos de saudações tendo sido servido um magnífico Porto de honra.

Uma reportagem

Neste número acabamos a publicação da reportagem de uma pretensa viagem ao Brasil, acompanhando emigrantes.

É uma crónica pretendendo focar a acção dos serviços de assistência ao emigrante, como se tudo decorresse como devia.

Que a classe a leia com atenção, talvez que nela encontrem ensinamentos que lhes aproveitem, são os nossos desejos.

«O Panificador»

Completo 5 anos de existência o nosso presado colega *O Panificador* órgão do Sindicato Nacional dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação do Distrito de Lisboa.

Ao nosso confrade os nossos cumprimentos e os votos de muitas prosperidades.

Fardamentos

A iniciativa do fornecimento de batas às nossas associadas criadas, obteve resultados excelentes, embora nem todas ainda a tivessem secundado adquirindo tais batas.

Como ainda restam alguns metros de pano, pedimos àquelas que ainda não adquiriram batas, o favor de se dirigirem à sede, onde lhe são fornecidas, nas condições conhecidas.

Temos aqui dito várias vezes que os serviços de assistência aos emigrantes carecem de ser encarados a sério, não só sob o seu aspecto regulamentar como no seu aspecto executório.

Estamos com um regulamento que se verifica ser inadaptable, e que necessita de uma reforma urgente. Há coisas que lá não estão e que precisavam estar e outras que ali existem nunca se cumprem.

Na execução dos serviços muito, mas muito, há ainda que fazer, e de tudo o que se faz de mal feito ou que se faz incompletamente, a menor culpa cabe ao pessoal, nosso sindicado.

Rara é a viagem em que não temos conhecimento de tristes casos de desleixo e incuria, nos quais quasi sempre a vítima é o emigrante.

Nós sabemos de alguns cuja descrição não fazemos aqui por decôr, e que seriam suficientes para justificarem tôdas as medidas por mais violentas que fôssem.

E de tudo que conhecemos há sempre a mesma ilação a tirar: a má actuação do médico a bordo.

À parte um ou dois nomes que toda a classe conhece bem, percentagem lamentavelmente mínima, todos os outros não dedicam ao exercício do seu cargo a atenção e o carinho que deviam.

É freqüente, freqüentíssimo, que numa viagem o médico não vá uma vez sequer à 3.ª classe.

A comida não satisfaz por vezes, ninguém reclama porque quem tem autoridade para o fazer não o faz; há no regulamento fixadas as quantidades de comida que o emigrante tem direito, mas é letra morta; a farmácia não está apetrechada; é o mesmo, tudo segue.

O pessoal está mal instalado, sofre coacção ou perseguição do pessoal superior de bordo; que se arranje como puder.

O pessoal prevarica, não cumpre, infringe a disciplina; deixá-lo.

E tudo prossegue, hoje pior que ontem, amanhã mais mal ainda.

Os serviços refletem sempre o exemplo da conduta de quem os dirige, e a bordo, como em tôdas as coisas, o serviço é bom ou mau consoante a acção do chefe.

Nós temos pelos ilustres médicos o respeito e a consideração devidos.

A nossa missão, porém, toda votada ao aperfeiçoamento dos serviços, à defesa do emigrante, e ao bom nome da Nação, não se compadece com sentimentalismos que traiam a verdade dolorosa dos factos.

E se não se tomarem medidas enérgicas, breve soará a hora em que todos nos teremos de arrepender de condescendências, que acabarão por derruir o pouco que há ainda de aproveitável.

Péssimo exemplo

Na leitura habitual que fazemos à nossa imprensa sindical, temos visto com desgosto e mágoa, a polémica que se está travando entre os trabalhadores de tráfego do porto de Lisboa e os descarregadores.

Não nos inclinamos para qualquer das partes em litígio, porque uns e outros nos merecem a maior consideração, mas não deixamos de lamentar que os ressentimentos que reciprocamente tenham as direcções das classes em causa, sejam trazidos para a imprensa, ampliando a milhares de trabalhadores as retaliações de uma dezena, semeando o mau convívio, quando ambos e todos em geral, deviam esforçar-se por se unirem numa manifestação sincera e útil de solidariedade.

Não sabemos nem queremos saber de que lado estará a razão; apenas como trabalhadores e como homens, nos confrange tão pouco edificante polémica.

Não há problema que não possa resolver-se com negociações directas, desde que os indivíduos possuam o espírito conciliativo e transigente necessário para as boas soluções.

O mesmo pensamos das divergências entre aquelas duas classes, divergências que, tratadas da forma como o estão sendo, não aproveita senão aqueles que espreitam a ocasião para apontar os trabalhadores como indivíduos incapazes duma obra fecunda, e os Sindicatos Nacionais, organizações fifticias sem personalidade e sem valor, maneáveis ao sabor de tôdas as conveniências.

Uma homenagem

No Sindicato Nacional dos maquinistas e Motoristas Fluviais do Porto de Lisboa, prestou-se no passado dia 23 de Abril uma homenagem póstuma a António Marques Almeida e Silva, sócio dedicado daquela colectividade, que foi um dos pioneiros da organização.

Usaram da palavra vários oradores, exaltando o valor do extinto e as suas brilhantes qualidades de caracter e lealdade.

Uma deliberação importante Pela Secção do Funchal

A Direcção resolveu subsidiar três associados inválidos, pelos fundos da Caixa de Auxílio

A propósito de suplentes

Como tínhamos anunciado no nosso último número, a direcção ia resolver sobre a situação precária de três associados incapazes para o serviço, três velhos encanecidos no labor constante do mar, três vítimas, como tantas outras, do abandono votado às classes marítimas, em matéria de previdência.

Essa proposta é do teor seguinte:

PROPOSTA

Á Direcção têm vindo, por mais de uma vez, associados em precárias condições económicas, solicitar auxílio. Entre esses associados, no presente momento, há que destacar os seguintes:

Manuel Dias Serem
Manuel Fernandes
Libério Rodrigues

Estes associados, mercê da sua idade e do seu estado precário de saúde, não embarcam há bastante tempo.

A Caixa de Auxílio, tem-lhes pago, nas alturas devidas, os subsídios de doença, mas cumpre desde já reconhecer que esse auxílio pouco ou nada representa para minorar a situação aflitiva destes três associados.

Estão eles, como outros, incluídos no projecto apresentado superiormente, para lhes ser dada uma reforma pequena, projecto que se encontra dependente da assinatura do Sr. Ministro do Interior, há já bastante tempo.

Entretanto, há que ir ao encontro das necessidades destes três sócios, chegados actualmente ao último extremo de miséria, e procurar minorar-lá, dever de humanidade e de solidariedade que se nos impõe.

Como a Direcção do Sindicato, é simultaneamente a direcção da Caixa de Auxílio, propõe esta que pela Caixa de Auxílio seja prestada àquelles associados uma assistência mais permanente, saindo embora das normas fixadas no Regulamento aprovado em Assembleia Geral, e pode-se em caso extremo como este saltar por cima do Regulamento, visto que a Caixa de Auxílio não tendo ainda aprovação oficial, não está subordinada a nenhum organismo superior.

Atendendo a que a convocação da assembleia geral indispensá-

vel para tomar a deliberação de auxiliar extraordinariamente os referidos associados, não pode convocar-se, dado o reduzido número de associados em terra, e,

Atendendo a que a situação ajltiva daquelles associados não se compadecer com qualquer demora,

a Direcção resolve:

1.º Que dos fundos da Caixa de Auxílio saia a importância necessária para dar a cada um dos associados acima, Manuel Fernandes, Manuel Dias Serem e Libério Rodrigues, um subsídio mensal de Esc. 100\$00;

2.º Que este subsídio é por tempo indeterminado, caducando logo que a direcção entenda que as circunstâncias económicas dos associados se modificaram para melhor;

3.º Que a distribuição deste subsídio é especial, não constituído regra nem direito, não sendo extensivo a outros associados;

4.º Que a sua distribuição começa em Maio de 1939;

5.º Que esta deliberação é tomada a título provisório, devendo a direcção levá-la à sanção da primeira assembleia geral.

Foi aprovada em reunião de 19 de Abril.

Como se vê no próprio texto da proposta a Direcção saiu fora do regulamento aprovado, ao conceder estes subsídios, mas as razões que evoca, são convincentes.

Estamos, portanto convencidos que nenhum associado deixará de aprovar aquêl procedimento, e de, na devida altura, em assembleia geral, dar-lhe o devido acôrdo.

Não é, praticamente, de muita utilidade o subsídio mensal de Esc. 100\$00, visto que com tão exígua quantia nenhum deles se pode manter independente, mas é com certeza uma ajuda, uma ajuda boa, tanto mais para agradecer quanto é certo que nenhum dos beneficiados contribuiu, como sócio da Caixa, com importância

Continua na 3.ª pág.

Segundo os comunicados da nossa Secção do Funchal, levantou-se ali um problema relativo ao embarque dos suplentes.

Sabido que, com a abundância de emigração, se recorreu a pessoal de fora dos quadros efectivos, porque estes não chegaram para as necessidades, aventou-se a hipótese de todo esse pessoal ser considerado como inscrito no quadro suplente, critério que seria defensável se houvesse a certeza que tal movimento de emigrantes continuava com igual intensidade.

Como não é assim, ressalta à evidência que, para assegurar aquêles indivíduos existentes no quadro suplente há anos um pouco de pão, todos os novos embarcados agora e pela primeira vez, não podem ser inscritos, até mesmo porque eles, na sua maioria não são adaptáveis.

Para estabelecer doutrina, enviou a Direcção ao Ex.º Sr. Delegado dos Serviços de Emigração no Funchal, o seguinte officio:

Ex.º Sr. Delegado da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado no Funchal.

Ex.º Senhor:

A Direcção deste Sindicato Nacional cumprimenta V. Ex.ª, pedindo licença para expôr algumas considerações que reputa de maior importância para o fim de que tem em vista.

Não ignora V. Ex.ª certamente que esta Direcção vem desde a fundação deste Sindicato Nacional, votando ao assunto "assistência ao emigrante", um especial cuidado e particular atenção. Traduz-se este interesse: nas diligências continuas do aperfeiçoamento profissional da classe que dirige; no comportamento moral e cívico dos seus elementos a bordo; na expansão das noções de disciplina e no incitamento a uma acção carinhosa junto dos emigrantes; no estreitamento das relações da classe com as companhias de navegação, e de um modo geral em tudo quanto seja elevar o nível moral e material da classe, fazendo com que ela cumpra a sua missão.

Graças aos esforços dispendidos e — diga-se — ao auxílio que nos têm prestado as entidades dirigentes da P. V. D. E. e outro pessoal superior, o Sindicato de Lisboa pode orgulhar-se de ter feito uma obra, ou melhor de ter começado uma obra, que a continuar seguindo a linha rígida inicial, terá seus frutos, com vantagem eloquente para todos.

Assim é que, em matéria de admissão de novo pessoal, esta direcção tem pontos de vista asentes e estudos feitos e expostos, os quais tendem a que, no futuro, os serviços de emigração fiquem a coberto das desagradáveis anomalias ora existentes.

Como V. Ex.ª deve ter lido no nosso órgão de imprensa, esta Direcção advoga o princípio de que o pessoal a entrar para os quadros dos serviços de assistência ao emigrante, deve, além das aptidões profissionais necessárias e comprovadas, idade não superior a 35 anos.

Ultimamente, porém, devido a grande aglomeração de emigrantes, os quadros efectivos têm-se esgotado, do que resultou ter de recorrer-se aos suplentes.

Em Lisboa, o ingresso desse pessoal suplente tem sido confiado ao Sindicato, que ao admitir a viajar esses indivíduos, lhes faz a prevenção solene de nenhuma garantia de continuidade de serviço, e àquêles que excedem a idade citada, tem-lhes feito perder toda a esperança de uma possível entrada no quadro efectivo.

Esta orientação, que tem merecido o acôrdo superior, impõe-se para que os quadros efectivos sofram um dia o refrescamento de pessoal novo, apto, competente, capaz de tudo, o que nem sempre acontece hoje.

De forma que esta Direcção veria prejudicados os seus esforços, se V. Ex.ª nessa Delegação não seguisse igual critério.

Se V. Ex.ª com a autoridade do seu alto cargo estabelecesse idêntico princípio, evitando que andem nos serviços de assistência ao emigrante, ainda que a título provisório, indivíduos que nunca exerceram a profissão de criados, ou os que para tal não tenham condições de adaptabilidade, quer pelo aspecto, quer pela idade, quer ainda pelas profissões que desempenhavam em terra, nós teríamos atingido o fim, o qual é o de preparar para o futuro esta classe e pô-la em condições de representar a Nação em navios estrangeiros.

Porque este pessoal vai actuar em confronto com estrangeiros, julga esta Direcção que o nosso punador patriótico impõe que se seleccionem os indivíduos que para lá enviamos.

Eis por que pedimos a V. Ex.ª que sejam afastados do quadro suplente os indivíduos com mais de 35 anos; que não sejam ali inscritos indivíduos que, embora tenham feito agora uma viagem, e não estejam nas condições enunciadas possam vir mais tarde a

Continua na 3.ª pág.

Fantasia ou Realidade ... ?

Notas de uma viagem ao Brasil. A vida do emigrante a bordo.

Uma assistência perfeita ao romper do dia

São 5 horas da manhã. O navio segue com regular balanço rumo ao sul, num mar de vaga lenta mas pouco funda.

Subimos ao deck, deserto e húmido da neblina. Naquela cidade flutuante quasi tudo dorme; apenas a ronda do «sereno» e a silhueta de dois homens na ponte de olhar atento e vigilante.

Os ouvidos acostumaram-se já ao ruído das máquinas, que não se cansam... um ruído que nos acompanha a toda a parte, vindo daquêlle inferno de ferro e aço, que é a casa das máquinas.

Corre um vento gélido, e a manhã vai rompendo num clarão cinzento vivo, lá muito longe.

Descemos ao salão, sem viva alma, num claro-escuro que o torna frio. Espreitam pelo corredor, e notamos já pelas cozinhas rumores preparativos da grande lide que breve irá começar. Passeamos ao acaso.

Seis horas. O mar agita-se mais, mais larga e mais funda é a vaga. O sol, o glorioso sol de Portugal já não nos aparecerá.

Surgem os criados portugueses que vão preparar as mesas para o pequeno almoço que vai servir-se daqui a uma hora.

Estendem-se as toalhas e dentro em pouco, o salão tem outra vez o aspecto festivo, coberto de branco.

Cá fora, começam saindo estremunhados, esfregando os olhos encadeados pela manhã, os nossos emigrantes. Vão caminhando para os lavatórios. Ouvem-se já as risadas e os choros das crianças.

O mar já fez estrago entre os patricios... nem todos apresentam cara presenteira. O balanço não perdôa.

As sete horas faz-se a entrada no salão, para o pequeno almoço: café com leite, bom pão com manteiga, leite e chá, e ainda compota, tudo à descrição.

Começa o fadário dos criados da copa para a mesa, trazendo mais pão para aqui, mais leite para acolá...

Os enjoados

O mar continua agitado, e o nosso bom provinciano, acostumado ao chão sempre fixo da sua aldeia, aos horizontes serenos da serra ou do vale, onde pastejam ovelhinhas e onde aqui e além um burrico fochinha pacatamente na relva fresca, sente-se mal neste embalar constante.

É então a vez dos serviços de enfermagem entrarem em acção.

A consulta médica na farmácia abre às 10 horas, mas já pelos decks e corredores da 3.ª, o enfermeiro e o ajudante de enfermagem foram ministrando os primeiros socorros: conselhos

sobre alimentação, distribuição de comprimidos, etc., ao mesmo tempo que indicavam em voz alta, para dentro dos camarotes, a hora da consulta.

Assistimos a esta. O médico e os enfermeiros lá estão empertigados nas suas batas brancas. A farmácia rescende limpeza por todos os cantos, e a frásqueira está bem provida de todos os medicamentos que a lei exige, verificação feita pelo médico logo após a sua entrada a bordo.

São colocados bancos no corredor de acesso, onde os emigrantes aguardam a sua entrada, pela ordem de chegada.

A maioria são pequenas indisposições de estômago, um reduzido número de pensos ligeiros com desinjecção geral, uma ou outra injecção e pouco mais. Nada de grave, sequer sério. Receituário breve: dietas, injeções, pensos cotidianos, tarefa que os enfermeiros vão desempenhar, debaixo da vigilância atenta do médico.

Almôço

São 11.30. Desde as nove horas que os criados andam pelos camarotes, fazendo camas, colocando toalhas, arrumando.

Desta vez o almoço é mais palrador. Os companheiros de

mesa trocam entre si palavras de boa camaradagem, enquanto os criados — a extenuante tarefa dos criados — prossegue.

Numa mesa à parte foram colocados os passageiros com dieta, e a estes é o ajudante de enfermagem que os serve, pondo a cada um a dieta prescrita pelo médico, comida que o cozinheiro português confecciona com especial atenção.

Recebe-se a visita do médico, que vem inquirir do moral dos emigrantes, e das apreciações que se faz à comida. Todos se confessam encantados e satisfeitos.

O tempo melhora.

Terminado o almoço formam-se grupos, que tomam os mais diversos destinos. Uns nos decks, outros nos salões jogando ou lendo, outros na amurada, mas todos seriamente dispostos a entreter o melhor possível o dia nebuloso de hoje.

Num dos decks um grupo de crianças formam numeroso rancho de roda, e cantam-se canções ingénuas com a graça que só as crianças lhe sabem imprimir.

A seu lado, sempre vigilante, uma das criadas conversa com a mãe de cinco rosados e minúsculos beirões... que andam na roda a dançar.

Nos camarotes o pessoal de enfermagem tira temperaturas enquanto que na enfermaria o ajudante dá à sala o costumeado aspecto de impecável asseio.

Monotonia

As horas vão correndo lentas. Avista-se ao longe, em sentido contrário, um navio. É uma festa. É o primeiro sinal exterior de vida que recebemos. Os nossos patricios rejubilam, nalguns rostos passa uma fugidia sombra de tristeza.

Tudo cai na monotonia de sempre.

As festas só começarão amanhã. Para daqui a oito dias está anunciada uma palestra pelo médico inspector, no salão grande, com a presidência de um oficial superior do navio.

As quatro horas é servido o chá, um excelente chá, e também café com leite, e ainda uns bolos, simples e saborosos...

Depois, outro jantar, outro almoço, a mesma coisa sempre.

Não tem mais descrição a vida de bordo. O que descrevemos nestes dois dias foi o mesmo que se deu durante toda a viagem até ao Rio de Janeiro.

A mesma labuta do pessoal de assistência, sempre acolhedor e carinhoso, agindo de tal arte e jeito que quasi nos convenciamos de que viajavamos num barco nacional.

O mesmo bom serviço de cozinha, e a pôr também em destaque a competência e o interesse que o pessoal de enfermagem pôs no desempenho da sua missão, mantendo sempre os passageiros e seus compartimentos num estado sanitário excelente.

A fechar queremos focar um facto que nos impressionou: na véspera da chegada ao Rio, onde desembarcava o grosso da passagem, o ilustre médico, convocou todos os passageiros de 3.ª portugueses, para o salão de jantar, e fez-lhes, com o mesmo brilhantismo da anterior, uma palestra sobre as dificuldades presumíveis que encontraríamos em terra brasileira, e a forma como deviam agir, fornecendo a todos sábios e judiciosos conselhos, exaltando o amor pela Pátria e o dever de a honrar, terminando com um viva a Portugal, delirantemente secundado.

Com esta nota de vibração patriótica, que a alguns fez aflorar lágrimas de saudade e de assomo de esperança, encerramos estas rápidas linhas da despreziosa história da acção do pessoal de assistência aos emigrantes em navios estrangeiros.

Inverosímil? Verdadeira?

Pela Secção do Funchal Uma deliberação importante

Continuação da 2.ª pág.

avocar direitos, e finalmente, que o quadro suplenente não tenha número maior ao das necessidades normais, número que reputamos em 6, o máximo.

Com os nossos cumprimentos a V. Ex.ª

Aquella entidade, em resposta comunica-nos ir estudar o assunto.

Para habilitar o ilustre sr. delegado com os elementos suficientes para uma resolução favorável, comunicaremos que em Lisboa, todos os indivíduos por fora embarcados, e foram cerca de 80 não ficaram, no regresso, inscritos no quadro suplenente, e não foram superiormente autorizados a tal atendendo a que no futuro — sabendo-se que para o movimento normal de emigração chega o pessoal efectivo — esses indivíduos ficariam sem trabalho, mas peitando um quadro de onde nunca mais sairiam.

Esperamos que para o Funchal se adopte igual critério, que é o mais racional e justo.

Continuação da 2.ª pág.

que lhe desse direito a tal subsídio.

A Caixa de Auxílio vai dispendir com cada um daquêles associados 1.200\$00 anuais, ou sejam 3.600\$00, por ano, quasi uma quinta parte das receitas totais do ano.

Poder-se-há assim verificar como com as actuais cotas se torna impossível fazer previdência, se três associados, usufruindo um insignificante subsídio de 100\$00 mensais, levam um quinto da receita total do ano!

Por aqui se observa que há necessidade imprescindível de rever o funcionamento da Caixa de Auxílio, dando-lhe as condições de vida duradouras e úteis, mas tal só se conseguirá exigindo dos sócios um maior sacrificio.

Os que morrem**D. Eugénia Gama Ochôa**

Faleceu em circunstâncias bem dolorosas, a nossa querida associada, D. Eugénia da Gama Ochôa, competente enfermeira diplomada dos serviços de assistência ao emigrante.

A sua morte, conseqüência de um acto de desespero lamentável causou profunda emoção na nossa classe, onde todos a estimavam e admiravam, pelo porte distinto e digno, que não excluía a amizade que votava aos seus companheiros de trabalho.

Ao Sindicato dedicou sempre um especial carinho, ocupando nos corpos gerentes o lugar de vice-presidente da assembleia geral, durante dois anos, cargo para que foi há pouco reeleita.

A sua integridade e afabilidade impunham-na

A defunta era natural de Bicholim, Índia, tinha actualmente 45 anos, e descendia de uma família ilustre e distinta sendo irmã do nosso Ministro em Paris, Sr. Comandante Gama Ochôa, e do Sr. Coronel Gama Ochôa, a quem apresentamos as nossas sentidas condolências.

Mandada resar pelo Sr. Dr. Fernando Amaral Cardoso médico inspector dos serviços de emigração, e pela Sr.^a D. Maria Namure R. Gonçalves de Almeida, nossa presada associada celebrou-se ontem 4, uma missa na igreja da Conceição Nova.

Alí compareceram, além da família e amigos da extinta, muitos associados, tendo-se a direcção feito representar na piedosa evocação.

Sindicato**Resumo do movimento de Caixa no mês de Março de 1939**

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	323\$35
Cotas	2.925\$00
Rendas	240\$00
Despesas Gerais	33\$70
Orgão de Imprensa	170\$00
Estatutos	1\$00
Cadernetas sindicais	2\$50
Telefone	3\$00
Total	3.407\$55
CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	350\$00
Despesas Gerais	1.216\$00
Orgão de Imprensa	332\$00
Expediente	10\$25
Empregados	1.060\$00
	2.968\$25
Saldo para Abril	439\$30
Total	3.407\$55

CAIXA DE AUXÍLIO**Resumo do Movimento de Caixa no mês de Março de 1939**

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	7.959\$17
Cotas	2.582\$25
Despesas Gerais	1.000\$00
Total	11.541\$42
CONTAS	DÉBITO
Rendas	110\$00
Fundo de doença	533\$50
Despesas Gerais	31\$80
Empregados	50\$00
	745\$30
Saldo para Abril	10.796\$12
Total	11.541\$42
FUNDOS EXISTENTES	DÉBITO
Em dinheiro	10.796\$12
Em Títulos	42.793\$50
Total	53.589\$62

Escala de Vapores

durante o mês de Maio de 1939

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Cais
2—	Alcantara	Alcantara
3—	Cap Norte	"
9—	H. Brigad.	"
10—	Monte Olívia	Rocha
10—	Querguelen	Alcantara
11—	Saturnia	Rocha
16—	Hilari.	Alcantara
17—	General Artigas	Rocha
23—	H. Patriot	Alcantara
24—	Monte Pascoal	Rocha
26—	Belle-Isle	Alcantara
30—	Almazorra	"
31—	António Delfino	"

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Cais
3—	Groix.	Rocha
5—	António Delfino	"
12—	H. Monarch.	Alcantara
13—	Madrid	Rocha
13—	Almazorra	Alcantara
14—	Vulcania	"
15—	Jamaique	"
16—	Anselm	Rocha
18—	General Osorio	Alcantara
21—	Asturias	"
26—	Monte Roza	"
28—	H. Chifestain	"
28—	Saturnia	"
28—	Masilia	"

 Aos nossos colegas do Porto

A Direcção do Sindicato de Lisboa já por mais de uma vez, encarou em princípio o problema da fusão dos dois sindicatos num organismo único, e já por mais de uma vez também, pôs o assunto de parte.

Últimamente, como as circunstâncias pareceram favoráveis, e como maior número de sugestões foram apresentadas em Lisboa por vários elementos do Norte, a direcção voltou a incluir a questão no número das suas preocupações.

Agora que entrámos no pleno conhecimento da situação do Sindicato do Porto quer interna quer externa, estamos habilitados a dizer com argumentos aos nossos colegas do Norte, que a fusão dos dois sindicatos num só, apenas lhes trás vantagens e grandes.

Vamos pôr aqui resumidamente, as intenções da direcção de Lisboa ao tratar d'êste assunto, e dar um pálido resumo das vantagens que para todos pode resultar desta fusão.

A classe de Lisboa somente pelo aspecto moral interessa a junção dos dois sindicatos. A reunião da classe do Porto — diga-se sinceramente não traz vantagens de maior, porque nunca os nossos assuntos deixaram de ser tratados com, o carinho e zelo e oportunidade.

Sob o ponto de vista material, também não é vantajosa a fusão, porque as receitas normais do sindicato do Porto, mal cobrem as despesas normais.

Quanto à classe do Porto o problema muda de figura. Começa porque à falta de continuidade de direcção, os seus assuntos quer na Polícia quer na Inspecção quer ainda nas agências, sofrem interrupções e mudanças, consoante o critério de quem fica a dirigir.

Parte do mal que acontece à classe do Porto, provem d'êste facto.

No que consistiria, pois, a fusão e que vantagens teria? Podem-se resumir assim:

Dos dois sindicatos ficaria um único organismo, com séde em Lisboa, e delegações ou Secções no Porto e no Funchal, estas regidas, apenas quanto à parte administrativa, por uma comissão de três membros.

A parte de orientação e exposição dos assuntos de interesse colectivo pertenciam exclusivamente à direcção, em Lisboa.

Quanto ao pessoal ficavam os três quadros: Lisboa, Porto e Funchal, mas a direcção promoveria as transferências necessárias para que a média da estadia em terra fôsse igual nas três cidades.

Com a reunião de toda a classe, num total de cerca de 300 associados, pode-se fundar uma caixa de previdência, que na velhice ou invalidez ofereça ao associado um amparo.

Far-se-ia a reforma dos regulamentos das Caixas de Auxílio existentes, e conjugando êste acto com a apresentação simultânea de um projecto de contribuição indirecta aos patrões, que temos em estudo, poder-se-ia obter uma Caixa de Previdéncia muito valorosa.

Há ainda um sem número de vantagens que seria longo enumerar mas basta citar que todas as classes pequenas, como por exemplo os empregados dos escritórios das agências de navegação de Lisboa, Porto, Setubal, etc., fizeram uma fusão, existindo hoje um Sindicato único, em Lisboa, que está fazendo uma obra brilhante.

Têm, pois, a palavra os nossos colegas do Porto, para dizerem se pretendem votar essa fusão, que nos afigura muitíssimo útil e vantajosa para êles.